

Interesses, capitais, habitus e agentes.

Thiago Farías da Fonseca Pimenta.

Cita:

Thiago Farías da Fonseca Pimenta (2007). *Interesses, capitais, habitus e agentes*. XXVI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Guadalajara.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-066/1906>

INTERESSES, CAPITAIS, *HABITUS* E AGENTES: O CAMPO DO ESPORTE E DAS ARTES MARCIAIS COREANAS

Prof. Ms. Thiago Farias da Fonseca Pimenta
Prof. Dr. Wanderley Marchi Jr.
Universidade Federal do Paraná – UFPR
CEPELS
fonsecapi@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

As artes marciais do extremo oriente¹, configuram-se em atividades de alto valor cultural devido às suas histórias particulares datadas de milhares de anos.

A partir de um processo de evolução na estrutura do pensamento, do místico ao racional (que contribuiu para um processo de secularização das atividades corporais e conseqüentemente das artes marciais), do avanço do capitalismo (culminando em processos de valorização das atividades físicas como produtos específicos voltados para a acumulação de bens econômicos) e, conseqüentemente, de um crescente aumento da veiculação das atividades físicas nos meios de comunicação, as artes marciais, atividades criadas com fins inicialmente bélicos, adquiriram características de esporte, ou seja, visam a competição, a rivalidade, os benefícios extrínsecos e a vitória a qualquer preço. Tais características, por sua vez, desvinculam-se dos objetivos primos dessas artes orientais, uma vez que seu embasamento é fundamentalmente religioso.²

Neste sentido, as artes marciais do extremo oriente em especial, são hoje, parte integrante da cultura corporal tanto quanto esporte de alto nível como, quantitativamente em menor grau, atividades que proporcionam um equilíbrio vital e a defesa pessoal do praticante.

¹ Enfatiza-se, as artes marciais do extremo oriente, pois a seqüência do trabalho objetivará as explicações de ordem política, social e econômica do Taekwondo, arte marcial coreana. Contudo, reconhece-se as artes marciais que têm como origem o oriente médio e ocidente como o Tahtib, arte marcial de origem egípcia, o Krav Maga, arte marcial de origem israelense e a capoeira de origem brasileira, mas embasados em referenciais místicos africanos.

² MARTA, F. E. F.; PIMENTA, T. F. F. **Os princípios filosóficos do Taekwondo no discurso dos mestres**: relatório final apresentado ao conselho nacional de desenvolvimento a pesquisa (Cnpq) como exigência para finalização de bolsa de iniciação científica, PIBIC. Bauru: UNESP, 2001.

Busca-se identificar os fatores históricos, sociais, econômicos e políticos envolvidos no processo de esportivização do Taekwondo procurando-se evidências de uma possível ruptura entre os valores filosóficos orientais desta manifestação corporal para um esporte de valores capitalistas competição e rendimento.

Partindo-se desta afirmação, pretendeu-se identificar os fatores e interesses que levaram uma prática essencialmente amadora local, de buscas de benefícios intrínsecos (defesa de território, manutenção do equilíbrio vital, busca de estilo de vida pautado em preceitos filosóficos orientais), para uma prática majoritariamente espetacular, onde a intenção é, também, a aquisição de benefícios extrínsecos (dinheiro, mercadorias, prêmios, *status*, capital financeiro).

Procurou-se conceituar o Taekwondo e o esporte moderno no contexto social, político e econômico em que este, no tempo presente, encontra-se inserido, evitando analisar tais instituições como “máquinas” independentes dos seres sociais dotados de *habitus* que as criaram e que as constituem.

No sentido de tornar mais completa a análise do Taekwondo presente no contexto do esporte e principalmente, suas possíveis forças hegemônicas, optou-se pelo referencial teórico do sociólogo francês Pierre Bourdieu³ e do sociólogo alemão Norbert Elias. A utilização de seus referenciais teóricos foi utilizada neste trabalho por mostrarem-se pertinentes e atualizadas ao tratar das manifestações do esporte moderno e dos agentes que o constituem.

2 SUBSÍDIOS HISTÓRICOS PARA A REINTERPRETAÇÃO DO TAEKWONDO

A primeira dinastia que se tem notícia na Coreia é a de *Kit-ze*. Segundo a lenda, Kit-ze era um chinês nobre que estabeleceu-se em suas planícies por volta de 1122 a.C. A China, portanto foi a grande fonte transmissora de cultura para a colônia de Kit-ze. Em 193 a.C., outro chinês, Wiman, invadiu a região habitada pelos descendentes de Kit-ze, ocupando-a progressivamente. Em 108 a.C., toda a faixa setentrional da península estava nas mãos dos últimos invasores. *Lolang* tornou-se a capital da península.

³ Especificamente: Razões práticas: sobre a teoria da ação (1996), O poder simbólico (2004), Ofício de sociólogo (2004), Coisas ditas (1990), Programa para uma sociologia do esporte (1990), Questões de sociologia (1983).

As tribos que escaparam da dominação chinesa reuniram-se em três reinos: SILLA, a sudeste, fundado em 57 a.C; *BAEK-JE (Paekche)*, na região sudoeste, fundado em 19 a.C com sua zona central próxima ao rio *Han* e realizava intenso comércio com o Japão e a China; e KOGURYO, na região centro-oeste, fundado em 37 d.C por *Chumong*. Inicialmente sua capital encontrava-se em *Hwando - San*, no ano de 427, posteriormente foi transferida para *Pyong Yang*. (FUJIYAMA, 1994. p. 51). O chamado período dos três reinos durou até 668.

A história específica referente ao Taekwondo relata que o reino de *Silla*, por ser o menor entre os três reinos, encontrava-se em constante ameaça de ataque por *Paekche* e *Koguryo* até a formação de uma tropa de elite chamada *Hwarang* (Corpo de Flores Jovens) que pode ser comparada aos Samurais e aos cavaleiros medievais da Europa por sua estrutura regida por padrões religiosos, honoríficos e por serem integrantes de alta classe social.

Criado durante o reinado de *Chin Heung*, vigésimo quarto rei da dinastia *Silla*⁴ pelo filósofo e General *Kim Yu Shin*, o *Hwarang-do*⁵ possuía a espiritualidade e a filosofia dos monges *Do-Ro*. Os integrantes do *Hwarang*, constituído pela flor da sociedade de *Silla* (jovens aristocratas e militares), recebiam uma preparação rigorosa, lenta e silenciosa, permeada por valores filosóficos de características budistas (FUJIYAMA, 1994. p. 51).

Esse grupo de guerreiros era treinado não apenas no uso de armas tradicionais (lanças, arco-e-flecha e espada), mas também na prática da disciplina mental, física e em várias formas de artes marciais, utilizando os pés e as mãos.

Entre essas artes destaca-se o *T'aekkion* ou *Tekyon*. Concentrando-se sempre em defender suas terras, os guerreiros escalavam montanhas escarpadas, nadavam em rios turbulentos nos meses frios para fortalecer seus corpos.

Seu treinamento e suas vidas eram regidos por um código de honra, arraigado de valores budistas condensados em:

- a) obediência ao rei;
- b) respeito aos pais;
- c) lealdade para com os amigos;
- d) nunca recuar ante o inimigo;
- e) só matar quando não houvesse alternativa.

⁴ BANG, F. S. J. A origem do Taekwondo. .Net, Marília mar. 2003. Academia Bang. Disponível em: www.bang.com.br/origemman.htm. Acesso em: 17 set. 2004.

⁵ O sufixo "DO" refere-se ao caminho buscado pelo guerreiro *Hwarang*.

Este rigoroso código de honra dos guerreiros *Hwarang* irá condicionar e dar os subsídios filosóficos/simbólicos orientais às artes marciais coreanas que, atravessaram 14 séculos até a formação da estrutura filosófica atual do Taekwondo.

Essas influências contribuíram para o estabelecimento de uma pedra espiritual que será responsável pela formação do conteúdo simbólico das subseqüentes artes marciais coreanas como o Taekwondo que, de acordo com o mestre Yeo Jin Kim (2000): “[...] se desenvolveu junto com a filosofia oriental, pois dela deriva; principalmente com a influência das religiões e da cultura, como o budismo e, posteriormente o confucionismo” (KIM, Y. J. 2000. p. 21).

Com a influência dos guerreiros *Hwarang* e, uma aliança militar com os chineses, *Silla* derrotou seus rivais, conseguiu unificar o país estabelecendo o primeiro Estado coreano, *Koryo*, criado oficialmente em 935. Nos séculos seguintes progrediram as artes. A partir desta época o budismo foi aos poucos sendo integrado pelo confucionismo.

Após a era *Koryo*, teve início a era *Chosen*, nome dado ao novo reino pelo rei *Lee, Syung Gue*. Esse reino perdurou por 500 anos, o que, por sua vez, não desvirtuou a prática das artes coreanas: “Nessa época a dignidade e a moral do povo coreano chegou ao seu mais alto nível” (KIM, Y. J. 2000. p. 23).

Essa essência oriental do budismo e confucionismo nas artes marciais pode ser exemplificada de acordo com os escritos do *samurai Myamoto Musashi*, retirado de seu *Livro das cinco esferas*, escritos por volta de 1600, que procura estabelecer relações com as artes marciais e a filosofia oriental:

Sem dúvida existem pessoas que pensam que nem mesmo a prática das artes marciais se mostrará útil quando surgir a verdadeira necessidade. A esse respeito, o verdadeiro caminho das artes marciais consiste em praticá-las de tal modo que sejam úteis em qualquer momento, e ensiná-las de tal modo que sejam úteis em todas as coisas (CLEARLY, T. 1991. p. 36).

Esse fragmento escrito por um guerreiro japonês, serve de base para a compreensão da “essência” das artes marciais do extremo oriente, tanto chinesas, japonesas, quanto coreanas, pois elucida que o ideal em sua prática é a construção de personalidades voltadas para a defesa de território e para os valores espirituais.

A necessidade de encontrar um caminho para o estabelecimento de uma ruptura de pensamento entre os valores materiais para os valores espirituais torna-se o fim da filosofia zen budista, tanto na China, Japão ou Coréia:

Os artistas marciais pregam o despego com o fim de dominar suas aptidões especiais, e de certa forma o guerreiro que sofreu uma

derrota mortal na batalha pode nada mais ter além do desapego como último recurso, uma vitória pessoal final (CLEARY, T. 1991. p. 67).

Parece sensato afirmar que a filosofia oriental é o princípio que dá originalidade às suas artes marciais e que a destaca das outras manifestações corporais do ocidente. Mas a afirmação suscita indagações a respeito de sua ocidentalização: De que forma essas manifestações de ordens corporais e culturais do extremo oriente foram bem recebidas no ocidente e vêm adquirindo mais adeptos? Como seria possível um processo de ocidentalização das artes marciais em sua forma original à medida que ocidente e oriente vivenciam realidades religiosas e filosóficas distintas?

3 INTERESSES, CAPITAIS, *HABITUS* E AGENTES

Por maiores que sejam as quantidades de documentos referentes às relações entre a chamada “filosofia oriental” com a prática das artes marciais, é no mínimo difícil para ocidentais interpretar e compreender por completo esse vínculo “espiritual”.

Mas a afirmação ainda é limitada, pois não responde aos anseios sociológicos, limitando-se à suposições. Neste sentido torna-se necessário compreender a essência das diferentes formas de pensamento – ocidentais e orientais – que resultam em dificuldades de interpretação entre princípios religiosos e estilos de vida.

Pautando-se em Bourdieu, reconhece-se que essa dificuldade decorre devido ao fato do ocidental não possuir o *habitus* ajustado à realidade oriental e, por muitas vezes, implica na elaboração de analogias com a religiosidade cristã.

Essa dificuldade pode ser explicada ao se reconhecer o *habitus*, essa estrutura estruturante que rege os padrões de reconhecimento e ações, uma vez que:

Se [...], você tiver um espírito estruturado de acordo com as estruturas do mundo no qual você está jogando, tudo lhe parecerá evidente e a própria questão de saber se o jogo vale a pena não é nem colocada (BOURDIEU, 2005, p. 139).

Ocidentais não “jogavam no mundo dos orientais” e “orientais não jogavam no mundo dos ocidentais”. A explicação de Bourdieu traz à tona a necessidade em se compreender o *habitus* como estrutura que guia estratégias de ações, fazendo com que o ser social sintá-se à vontade em suas esferas sociais e campos.

Com a explicação das relações entre a filosofia oriental e sua relação com as artes marciais coreanas, distingui-se sua função norteadora dos princípios que irão reger os padrões de atitudes na sociedade do primeiro Estado coreano e, mais do que isso,

reconhecer também a função de tais princípios budistas e confucionistas na construção de uma identidade social, ou identidade nacional coreana.

Este processo de construção é pertinentemente explicado por Dubar (2005) que coloca como a incorporação de atitudes é subjetivamente reconhecida como uma constante social que cria e modula identidades, o que, por sua vez, formará a pedra fundamental de inspiração de atitudes:

O que importa nesse processo é o duplo movimento pelo qual os indivíduos se apropriam subjetivamente de um “mundo social”, isto é, do “espírito” (*Mind*) da comunidade a que pertencem, e, ao mesmo tempo, se identificam com papéis, aprendendo a desempenhá-los de maneira pessoal e eficaz (DUBAR, C. A. 2005. p. 118).

Mas, além de traçar os fatores filosóficos/religiosos que contribuem para a formação desta identidade é imprescindível definir a necessidade de sua formação, portanto, reconhecendo-a como forma simbólica de violência, pois não deixam de ser “representações mentais” em que um povo, ou mais subjetivamente, os agentes sociais, investem seus interesses, garantindo a forma pela qual cria-se um conjunto de fatores que exercem poder simbolicamente legitimado tendo a faculdade de garantir a nacionalidade coreana.

Portanto, com o auxílio de Bourdieu (1989), percebe-se a importância dada aos elementos filosóficos/simbólicos pelos primeiros coreanos para a construção de uma identidade nacional com a função de manutenção ou transformação de estruturas:

O regionalismo (ou o nacionalismo) é apenas um caso particular das lutas propriamente simbólicas em que os agentes estão envolvidos quer individualmente e em estado de dispersão, quer coletivamente e em estado de organização, e em que está em jogo a conservação ou a transformação das relações de forças simbólicas e das vantagens correlativas, tanto econômicas como simbólicas; ou, se se prefere, a conservação ou a transformação das leis de formação dos preços materiais ou simbólicos ligados às manifestações simbólicas (objetivas ou intencionais) da identidade social (BOURDIEU, 1989, p. 124).

Evidencia-se na literatura um crescente processo de relacionamento entre o culto às práticas filosóficas e às artes marciais. Mas, a partir de determinado momento, essa conjunção existente entre sua prática com a filosofia oriental budista, confucionista e xintoísta sofrem um processo de desvirtuamento ao confrontar o conturbado passado coreano. O “caminho” das artes marciais coreanas passa a tomar um novo rumo, as regras do “jogo” a ser jogado passarão a ser diferentes.

Às artes marciais coreanas lhe são atribuídas o poder de fazer parte da construção de uma identidade nacional que durante séculos foi sendo reivindicada e construída fazendo com que houvesse uma necessidade de afirmação universal. Tal afirmação parece pertinente, mas a necessidade de reconhecer que forma uma manifestação cultural e corporal repleta de valores filosóficos orientais foi sendo disseminada pelo ocidente ainda nem foi colocada.

Neste sentido é necessário continuar a explicitar o contingente histórico/sociológico responsável pela formação de uma necessidade evidente de demonstração patriótica através das artes marciais coreanas.

Os mongóis ficaram na região da futura Coreia de 1231 a 1364. Em 1364, o General coreano *Yi Taejo*, derrotou as forças mongóis, já enfraquecidas pela guerra que travavam com a dinastia *Ming*, da China. Em 1592, uma força japonesa invadiu a península coreana. Após sete anos de guerra e ocupação, os invasores foram repelidos, graças ao auxílio dado pela China novamente. Embora a dinastia Yi permanecesse no trono, os manchus invadem o país até 1637. Novas tentativas de penetração dos japoneses foram repelidas. Após um longo período de isolamento, em 1876 o Japão forçou a Coreia a estabelecer relações diplomáticas com o governo de Tóquio.

Os chineses não assistiram passivamente à forma pela qual o Japão impunha uma ocupação crescente sobre o território vizinho. Em 1894, a China declarou guerra ao Japão, a qual perdurou até o ano seguinte saindo assim a China derrotada. O tratado de *Shimonoseki*, assinado no fim do conflito, constrangeu os chineses a renunciarem às suas pretensões sobre a Coreia. Em 1905, os japoneses transformaram a Coreia em protetorado, em 1910 em colônia.

Este período configurou-se em uma fase de escassez de suprimentos e repressão quanto a qualquer manifestação da cultura coreana, inclusive no que se refere à prática do *Tekion*:

Como aconteceu em outras regiões ocupadas pelo império, houve a séria tentativa de alterar os aspectos mais corriqueiros da nacionalidade coreana como a limitação do ensino da língua nacional, a introdução do japonês e a substituição do confucionismo, de origem chinesa, pelo xintoísmo nipônico [...] (SALINAS. S. S. 1985. p. 29).

Em 1945, o Japão é obrigado a retirar-se da Coreia, pois a península foi ocupada por seus adversários ao final da II Guerra Mundial – soviéticos ao norte e americanos ao sul. No dia 8 de agosto do mesmo ano, a declaração do Cairo estabeleceu que os japoneses renderiam-se aos russos ao norte do paralelo 38 e aos norte americanos ao sul.

A imigração japonesa para a Coreia, que já apresentava elevados números, intensificou-se. Em 1945 já havia 700.000 japoneses vivendo sob o solo coreano (SALINAS. S. S. 1985. p. 29).

Em 1948 *Singman Rhee* foi escolhido presidente da República da Coreia (sul), posteriormente *Kim Song* assume a presidência da República Popular da Coreia (norte).

Portanto o país fica dividido estruturalmente em Coreia do Sul de influência capitalista e Coreia do Norte de influência comunista. A análise aprofundada destes fatores associados traz elementos para a explicação de transformações na conjuntura e formação do Taekwondo e, por consequência, de seus praticantes.

Com a derrota do Japão na II Guerra Mundial, os coreanos puderam voltar a praticar e treinar abertamente suas artes marciais como *Tekyon*, e, com menor ênfase o *Subak*, formando duelos com os estudantes que voltavam do Japão e que praticavam Karatê. Fundaram-se diversas escolas como *Chong-do Kwan* (a mais antiga), *Mu-Duk Kwan*, *Ion-Mu Kwan*, *Chang-Um Kwan* e *Song-Um Kwan*.

Entre os estudantes encontra-se um coreano chamado *Choi Hong Hi* que, havia estudado Karatê no Japão e artes marciais coreanas. Em 1955, um grupo liderado pelo já General do exército coreano *Choi Hong Hi*, juntou esforços e conseguiu unir as diferentes escolas e estilos de artes marciais coreanas, sendo adotado o nome de Taekwondo.⁶ Além da fusão de nomes padronizou-se uma seqüência de princípios e valores filosóficos que seu praticante deverá seguir:

- a) cortesia;
- b) integridade;
- c) perseverança;
- d) domínio sobre si mesmo;
- e) espírito indomável.

Partindo-se de uma avaliação crítica sobre a elaboração de tais princípios, é possível elucidar que os mesmos são frutos de uma mudança de cenário, têm influência de valores nacionalistas e patrióticos e, ao mesmo tempo evidenciam uma necessidade de divulgação mundial do Taekwondo dada sua expressão no cenário político/social e econômico coreano, sendo produtos de mudanças dos antigos códigos filosóficos que regiam o *Hwarang*.

⁶ TAE significa pernas, KWON significa braços e DO significa o caminho vital pelo qual o praticante deve seguir, portanto: o caminho dos pés e das mãos.

Como não existiam mais *reis a serem obedecidos* e guerras a travar, não havia mais a necessidade de *matar quando não houvesse alternativa e nunca recuar ante o inimigo, o respeito aos pais e respeito aos amigos* foram substituídos por integridade e perseverança. Esta adaptação leva a crer no interesse de uma possível universalização dos princípios, tornando-os mais assimiláveis, inclusive para ocidentais.

A necessidade de tornar tais princípios mais “assimiláveis” aparentemente não corresponde a uma simples manobra estratégica de divulgação apenas, mas responde aos anseios de um grupo de agentes específicos no interior do campo das artes marciais coreanas que, cientes de uma nova conjuntura social/nacional, criaram um conjunto de normas racionais para a prática. Essa “nova necessidade” não deixa de ser fruto de um processo evolutivo social, possivelmente o resultado de um processo sociogenético coreano.

Semelhante à antiga Europa medieval, a região coreana, tolerara inúmeros combates pela busca de oportunidades. Diferentes células familiares disputaram entre si, (mensurados desde 193 a.C), terras e formas de capitais distintos. Com a constante eliminação e agregação entre células, resultando na criação de monopólios feudais e de violência, os indivíduos tornam-se mais inter-relacionados e interdependentes, o que irá contribuir para uma necessidade constante de contenção de atitudes, justamente por que tais indivíduos são cientes, intrinsecamente, das reações ocasionadas pelas mudanças no tabuleiro do jogo social.

A conscientização das necessidades de manutenção do equilíbrio emocional entre os indivíduos devido a uma interdependência funcional e, principalmente entre os agentes das artes marciais coreanas, contribuiu significativamente para a formação dos cinco valores e princípios filosóficos do Taekwondo.

Há uma passagem na obra de Elias (1994) que apresenta-se pertinente a analogia entre o início do processo civilizador na Europa com um possível processo civilizador na Coreia que contribuiu para a formação de “novos” princípios filosóficos:

A “simplicidade” como a experimentamos, a oposição simples entre “bom” e “mau” e entre compassivo e cruel haviam se perdido. As pessoas encaravam as coisas com mais diferenciação, isto é, com um controle mais forte de suas emoções (ELIAS, 1994, v.1, p. 84).

Ou seja, aos agentes dos campos das artes marciais coreanas, foi necessário uma adaptação às novas formas de vida sociais. As artes marciais que, antes, mais do que nunca, foram utilizadas para fins bélicos e, aliadas a uma aliança vital de preceitos encantados, começam a tomar forma de uma prática que visa o bem estar

corporal e mental individual através dos exercícios físicos e de seus valores transcendentais já que: “Em sociedades posteriores diferentes oportunidades, diferentes formas de vida surgiram, às quais o indivíduo tinha que se adaptar” (ELIAS, 1994, v.1, p. 202).

Portanto a criação do esporte Taekwondo, conseqüentemente de seus princípios filosóficos respeitam a idéia de um processo civilizador. A mudança no cenário social coreano suscitou um novo quadro incitando os agentes do campo das artes marciais coreanas a criarem uma manifestação, modelada à conjuntura nacional. O Estado coreano sofria com sua sociogênese. Evoluía de uma sociedade feudal repleta de células familiares dispostas a manterem e adquirirem parcelas de oportunidades para uma sociedade embasada pelos preceitos da monetarização e da ética industrial.

Nestes termos, a necessidade belicosa foi aos poucos sendo substituída pela necessidade da produção industrial. A obrigação do treinamento corporal visando a abstração do mundo pela elevação espiritual – características das artes marciais orientais – foi sendo abandonada para dar entrada a valorização do treinamento metódico, calculado, visando vitórias no campo esportivo.

Com o cenário coreano caracterizado por uma modernização de suas estruturas econômicas – seguindo e buscando uma possível comparação com o pensamento de Norbert Elias referente à busca de excitação do Europeu – tem-se que as sociedades mais desenvolvidas ou industrializadas encontram a necessidade de repressão de suas atitudes mais naturais como o chorar, o gritar, o lutar:

Mesmo nas situações de grandes crises da vida privada dos indivíduos, quando ocorrem erupções repentinas de sentimentos fortes, estas escondem-se, de um modo geral, na intimidade do círculo mais íntimo. [...] Habitualmente é motivo de embaraço para quem assiste e, com freqüência, motivo de vergonha ou arrependimento para aqueles que se permitiram ser dominados pela excitação (ELIAS ; DUNNING, 1985, p.103).

Reproduzindo a fala do próprio Elias, Dunning (2005) em entrevista com o professor Ademir Gebara (2005) relata que a *mudança*, a constante da relação do processo de civilização, não limita-se pelas explicações simplificadas ou de análises unilaterais, mas englobam processos que, longe de constituírem-se em atitudes deliberadas de agentes sociais, são frutos de procedimentos sociais interdependentes:

[...] estamos descrevendo a estrutura de um processo passível de observação. Mas o conceito de mudança social é muito mais abrangente para captá-lo, porque o que estamos descrevendo é mudança em uma direção específica, é mudança de algo relativamente simples em algo mais complexo, de algo

relativamente selvagem e incontrolável para algo mais controlado, mais civilizado (GEBARA, 2005, p. 52).

Elias (1994) chama a atenção para o processo de adaptação. Mas no caso das artes marciais coreanas e seus agentes, em que essa adaptação torna-se relevante? Para que universalizar uma seqüência de princípios filosóficos tornando-os assimiláveis e acessíveis? A resposta a questão pode ser encontrada ao examinar-se a seqüência abaixo.

Após sua criação oficial em abril de 1955 o primeiro campeonato de Taekwondo do mundo foi realizado na Coréia em 1964. Em 1965 criou-se a “KOREAN TAEKWONDO ASSOCIATION”, tendo como primeiro presidente o General *Choi Hong Hi*, que em 1966 fundou a INTERNATIONAL TEAKWONDO FEDERATION (ITF) a primeira federação de Taekwondo. Em 1968 inicia-se um processo de ocidentalização desta arte marcial com sua divulgação para Europa e Estados Unidos, em 1970 há sua introdução no Brasil. Em 1971, o presidente da Coréia do Sul, *Park Chung-hee* proclama o Taekwondo como esporte nacional coreano.

Percebe-se uma ordem cronológica de acontecimentos não muito distantes que caminham para um fim: a criação e legitimação de um esporte. As artes marciais coreanas saem de uma esfera bélica e contemplativa para inserir-se em um *locus* de concorrência por formas de apropriações de espaços definidos em um campo agora mais secular: o campo dos esportes.

Dado o constante processo de criação e complexidade nas estruturas sociais, novas categorias com objetivos concretos surgem. A busca pelo Zen budista e os valores confucionistas passam a interagir socialmente como propaganda e meio de divulgação do Taekwondo para os praticantes que buscam em sua prática a fuga do cotidiano. Mas seria esta arte marcial coreana, agora, a arte marcial certa para se alcançar tal objetivo?

As novas categorias e classes sociais emergentes presentes no interior do campo das artes marciais coreanas irão reafirmar tais princípios no intuito de criar um novo esporte que exerça influência nos ânimos populares e, por conseguinte, faça o papel mediador e divulgador da imagem da nova Coréia, especialmente a Coréia do Sul, no intuito de desvincular-se das características de seu “país mãe”, a China e seu ex-dominante, o Japão – que lhe deixou um legado cultural, inclusive nas artes marciais coreanas – e, desvincular-se da negativa imagem comunista que assolou o ocidente.

A história relata que General *Choi Hong Hi* é obrigado a sair da Coréia do Sul em 1972 por supostas ligações com o comunismo e estabelecer-se no Canadá. Mestre Kim, em

seu livro explica como a imagem de *Choi Hong Hi* é estigmatizada no interior do sub-campo do Taekwondo:

Atualmente o General é criticado na Coréia como marginal, comunista e traidor da pátria por alguns dirigentes; porém devemos reconhecer sua importância por ter sido ele o grande responsável pela reformulação do Taekwondo moderno (KIM, Y. J. 2000. p. 20).

Mas referenciais orais relatam que sua fuga para outro país possa ter ocorrido por motivos muito mais enraizados no imaginário coreano do que políticos propriamente:

Eu acho que esse simples político, eu não entendo bem por que como, qual atrito tenha... Ele tinha atrito com presidente da Coréia aquele época por que... [...] Choi Hong Hi é mais velho que presidente Park, então hierarquia ele era General, ele ainda, por exemplo, Coronel, não sei... [...] E General já era General na época por que mais novo o presidente. Então como tava falando aquele hierarquia sistema coreano dos filhos entre os filhos tem hierarquia que obedece e tal. Mas, acho que é esse atrito que tinha, outro chegou presidente do nação e Choi Hong Hi entrou lá era jovem o presidente, então ele queria ser, receber aquele respeito de velho e outro queria receber aquele que postura do presidente, então acho que... Então pode ser mal entendido, eu não sei de situação, que gente fala. É falava que “faltou respeito”. Então assim começou um tipo de dissidência.⁷

As palavras do mestre *Kun Mo Bang*, discípulo do próprio General *Choi Hong Hi*, explicam que o motivo pelo qual deu-se sua saída da Coréia poderia ter sido permeado por fatores que estão intrinsecamente presentes na cultura e na identidade coreana: O respeito à hierarquia etária e militar como fatores preponderantes em suas ações cotidianas, frutos de uma contingência simbólica.

O presidente *Park Chung-hee* que assumiu o poder na Coréia do Sul em 1963 até o ano de 1979, exigia “respeito” por parte do General que, hierarquicamente encontrava-se em posição inferior a do Presidente e o General *Choi Hong Hi* que já ocupava o cargo de embaixador da Malásia desde 1963, por sua vez, exigia respeito por parte do Presidente que era mais novo em idade e de posição militar inferior.

A motivação da saída de seu país natal pode ter sido maquiada pela afirmação de suas possíveis relações com o comunismo, ou pode ter sido ocasionada por uma “confusão” hierárquica nos padrões de ordem estabelecidos pela sociedade coreana, ou,

⁷ BANG, K. M. **Mestre Kun Mo Bang e o Taekwondo**: depoimento [out.2003]. Entrevistador: F. E. F. Marta. Marília: Academia Bang, 2003. 1 cassete sonoro (30 min). Entrevista concedida para monografia de conclusão da graduação em Educação Física pela Universidade Estadual de São Paulo – UNESP/Bauru.

mais ainda, possa ter sido ocasionada por uma estratégia calculada que pressupunha a saída do General por sua provável relação conturbada presidencial.

Na análise da linha temporal de desenvolvimento do Taekwondo não é possível evidenciar um “conjunto coerente de princípios” que possam ter colaborado para a saída do General *Choi Hong Hi* da Coreia pelo contrário, em sua administração averigua-se um movimento objetivo que evidencia o Taekwondo como modalidade esportiva. O que reforça a afirmação de uma possível necessidade que os agentes desta arte marcial tinham em livrar-se de “algo” que possa atrapalhar sua divulgação no cenário internacional.

O reconhecimento do Taekwondo como esporte e sua consideração pelo Comitê Olímpico Internacional (C.O.I) em 1980 dá o elemento simbólico necessário para sua afirmação oficial no campo esportivo de alto rendimento, pois exerce uma violência simbólica sobre seus espectadores, praticantes e nos praticantes de outras artes marciais, uma vez que a aquisição do *status* de esporte nacional e de esporte olímpico é legitimado pelos mecanismos legais que amparam a existência de um campo esportivo, por sua vez, de um sub-campo do esporte.

A análise confirma a inter-relação entre os campos, neste caso, campo do esporte e campo jurídico que dá e legitima a existência de um sub-campo do Taekwondo.

5 FORMAÇÃO DO SUB-CAMPO DO ESPORTE TAEKWONDO

Não pode-se afirmar que interesses em jogo foram sendo administrados a partir da criação do Taekwondo, muito menos que a um pequeno grupo de agentes pode-se dar o “crédito” de criar um esporte voltado ao alto rendimento. Realizar tais afirmações seria incorrer por um caminho perigoso, o da análise substancial, simplificadora. Seguir esta trajetória seria marginalizar o movimento dos campos, deixar de lado a complexidade existente que exerce a força coerciva dos fatos histórico/sociais.

O *Tekyon*, arte marcial criada como substância militar para defesa de território, com suas variações voltadas ao caráter do místico, transcendental e como filosofia de vida, foi regido pelos agentes específicos das artes marciais – monges, mestres, oficiais militares – que tinham como suspeita a necessidade de manutenção de uma manifestação corporal que lhes angariariam vantagens em conflitos belicosos, além de servir como manifestação corporal voltada para o bem estar da consciência.

Estes agentes dominantes deste campo específico das artes marciais coreanas o são na medida em que seus capitais simbólicos, culturais e sociais lhe afirmam como tais, pois exercem uma influência simbólica e objetiva sobre os agentes dominados.

Determinados capitais foram adquiridos a partir de seu posicionamento inicial na teia social que lhes permitiram o desenvolvimento e acúmulo necessários para exercerem suas funções como dominantes do *Tekyon*. Este desenvolvimento pode ser explicitado como os estudos dos monges nos mosteiros e estudos nas academias militares da época.

A influência simbólica destes agentes, essencialmente no interior do campo religioso, foi sendo deixada à margem do “jogo” à medida que o movimento social foi marginalizando o místico e sua ligação com as artes marciais. A permissão para esta marginalização pode ser vista ao colocar o movimento histórico/social em evidência.

A história coreana afirma categoricamente que graças ao apoio chinês e a utilização do *Tekyon* pelos militares de *Silla*, a Coréia pôde ser criada pela união dos três reinos.

Com a idéia de movimento nos campos e ação dos agentes e seus interesses, é de se esperar que a realidade destes foi mudada drasticamente após suas vitórias. Mestres, oficiais, monges e toda gama de agentes específicos do sub-campo *Tekyon* sofreram um processo de acúmulo de capitais. A afirmação é verdadeira na medida que a história coreana relata a importância desta arte marcial para a formação do país e após isso sua facilidade de divulgação em um período onde a informação viajava relativamente lenta:

A partir daí, os Hwarang viajam pelo interior da península para conhecer mais sobre a região e a população, e desta forma vão espalhando o taekkyon por todo o reino durante toda a dinastia Silla, que se estende de 668 d.C. até 935 d.C.⁸

Pela análise histórica desta arte marcial não evidencia-se de qual agente partiu-se a idéia da divulgação pela península. Mas o interesse em sua divulgação não incorreu-se aleatoriamente, muito menos foi um ato “natural”, mas pensado e interessante à alguém.

A este “interesse” manifesta-se uma relação desapegada aos valores econômicos. Esta palavra é melhor compreendida quando vista pela perspectiva do *campo*: Em cada campo e para cada agente há um conjunto de interesses que são os responsáveis por seu movimento, pelo desenrolar do “jogo”. Por “interesse” não considera-se apenas a noção de capital econômico, mas também a presença dos capitais culturais, simbólicos e sociais, todos agregados à ação do sujeito inspirada por seu *habitus* e, ao mesmo tempo pela posição ocupada por estes agentes: “Constata-se, por exemplo, que as classificações efetuadas por um agente são condicionadas pela posição ocupada no espaço social e que, em função dessa posição, por definição relativa, elas têm um valor determinado” (PINTO, 2000, p. 41).

⁸ TAEKWONDO. A história do taekwondo. **.Net**, 2002. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Taekwondo>. Acesso em: 21 dez. 2005.

Com esta afirmação, reconhece-se que após a divulgação do *Tekyon* pela península, diversos movimentos no interior deste sub-campo do campo das artes marciais coreanas ocorreram. Seus agentes e agentes de outras artes marciais chinesas e japonesas especializaram-se em *Tekyon*. Este capital cultural adquirido processou reformulações nesta manifestação corporal que incorporou movimentos do *Karatê* e *Kung Fu*.

A noção de uma arte marcial “puramente” coreana degrada-se à medida que perdia uma parcela do que considerava nacional: seus movimentos criados como necessidade ímpar de defesa do território de *Silla*.

Perder capitais no interior de um campo ou sub-campo específico significa rebaixamento de postos no mesmo e em outros campos agregados do militar ao religioso.

A esta altura volta-se ao capital inicial necessário investido pelos agentes das artes marciais coreanas. Enquanto *Tekyon*, os responsáveis por sua consistência simbólica, ou seja, os que o manipulavam como manifestação objetiva, eram os altos oficiais militares e influentes políticos. Ou seja, à esta arte marcial agregam-se os campos militares e religiosos com seus respectivos “cabeças” como seus mantenedores.

Portanto, a estratégia do jogo social mudou. Os “agentes coreanos, desta arte marcial coreana” investiram em determinada parcela de capital cultural para o aperfeiçoamento da mesma, o que acarretou um processo de afastamento dos valores nacionais.

Mas estes especialistas, tendo como líder o General *Choi Hong Hi*, irão utilizar-se deste fator como “contra golpe” a favor da nacionalização do *Tekyon* e de outras artes marciais coreanas. A mudança do nome para Taekwondo marcou o nascimento de uma manifestação corporal e cultural tipicamente coreana. É neste interesse – também – que os agentes deste campo específico firmaram a idéia de um Taekwondo esportivo.

Mesmo após a saída de *Choi Hong Hi* da Coréia do Sul, o Taekwondo continua, sua fase de expansão mundial:

Sendo a principal meta era expandir no mundo todo o Taekwondo competitivo: dando importância às técnicas feitas com as pernas, retornando para suas origens, como na época do “Tekyon”, quando a parte mais utilizada do corpo eram as pernas (KIM, Y. J. 2000. p. 22).

A afirmação do mestre Kim (2000) vem arraigada a uma necessidade de mudança e afirmação de uma identidade nacional coreana através do Taekwondo. Com a conquista da Coréia pelo Japão, os japoneses e coreanos que estudaram no Império do Sol Nascente contribuíram para a formação da arte marcial coreana na medida que os praticantes de

Karatê incluíram movimentos desta arte marcial japonesa ao Taekwondo. Ou seja, a expressão, “retornando para as suas origens” vem a expressar uma contida necessidade de afirmação de identidade:

Em 1955 (durante a Guerra da Coréia), uma junta de instrutores e historiadores e outras personalidades proeminentes liderados pelo General CHOI, escolheu como **TAEKWON-DO** (TAE: ação dos pés; KWON: ação das mãos e punhos; DO: caminho - filosoficamente) o nome da nova arte marcial coreana, por significar adequadamente o que representa e também por lembrar o antigo TAEK KYON, reanimando, assim, o senso de patriotismo coreano.⁹

Mais do que auto-afirmação é a necessidade de afirmação mundial, em “reanimar o senso de patriotismo coreano” abalado por diversos conflitos belicosos através da expansão de um esporte nacional coreano que não possua nenhum elemento estranho a tais necessidades.

Este investimento de capitais por parte de um grupo de agentes do campo das artes marciais coreanas resultou na afirmação do Taekwondo como esporte, uma vez que: “[...] o investimento num campo resulta da interação entre um espaço de jogo que define os desafios e um sistema de disposições adequado a este jogo” (BOYER, R. 2005. p. 278).

Distinguir a criação de um sub-campo do esporte é também evidenciar que dada sua constituição, seu funcionamento coloca em movimento uma série de forças de mudança na origem do movimento histórico. (BOYER, R. 2005. p. 280).

Mas, a proeminência dessas forças motrizes da história não constitui acontecimento isolado ou independente. São fatos legitimados por agentes específicos.

Todo processo de criação do Taekwondo – reconhecendo-se como processo não apenas o desenrolar recente de denominação, mas uma sociogênese – caminhou para a formação de um espaço dos possíveis. No espaço das subjetividades, reconhece-se este espaço dos possíveis como o lugar funcional onde averiguam-se os imperativos simbólicos associados aos valores adquiridos. O sub-campo do Taekwondo, não deixa de ser este espaço, uma vez que:

O espaço dos possíveis característico de cada campo, religioso, político ou científico etc., funciona, e virtude do princípio de divisão (*nomos*) específico que o caracteriza, como um conjunto estruturado de licitações e de solicitações e também de interditos; ele atua como uma língua, como sistema de possibilidade e de

⁹ TAEKWONDO. A história do Taekwondo. .Net, [] 2002. Federação Internacional de Taekwondo. Disponível em: <http://www.taekwondoitf.com.br/historia.html>. Acesso em: 21 dez. 2005.

impossibilidades de expressão que proíbe ou encoraja processos psíquicos diferentes entre si e inteiramente diferentes dos do mundo cotidiano; [...] (BOURDIEU. P. 2005. p. 16).

Sua criação deu espaço para a formação de um recente campo de trabalho, aumentando o alcance de atuação das manifestações corporais e da cultura coreanas, incluindo seus princípios e valores inspirados pela ética religiosa oriental.

Esses princípios, ou valores religiosos/filosóficos, por necessidade, deram margem à formação de recentes estruturas de valores atualizadas por uma conjuntura social/política recente da sociedade coreana, levando-se a afirmar que esses valores sofreram uma ruptura.

Seus princípios e valores filosóficos, mensurados em cortesia; integridade; perseverança; domínio sobre si mesmo e espírito indomável podem ser reconhecidos como características fundamentais a todo atleta de qualquer modalidade, do Taekwondo ao voleibol.

É neste sentido que torna-se necessário compreender as transições e ligações entre a filosofia coreana e a sua realidade política, seus pensamentos encantados a uma realidade racional onde a busca pelo capital, seja ele econômico, social, simbólico e cultural tornaram-se o “DO” dos agentes específicos do sub-campo do Taekwondo. Mais do que isto é reconhecer o movimento e investimento inicial destes agentes em capitais econômicos, sociais, culturais e simbólicos.

CONSIDERAÇÕES

A formalização do Taekwondo como um sub-campo esportivo, portanto, não é respondida como atitude deliberada de um grupo de mestres. Suas estratégias e interesses respondem a processos de reinterpretação social que permeados por seus *habitus*, acompanharam a trajetória social de seu país natal. É neste sentido que a análise da trajetória do Taekwondo como processo a-histórico ou a-sociológico leva ao caminho explicativo unilateral, uma vez que não deve-se interpretar suas ações por si, ou seja, seus interesses não são frutos de processos ocasionais, mas de um processo sociogenético.

A análise do esporte moderno como fenômeno, elemento dotado de valores sociais, econômicos, políticos e históricos, responsável por uma força coerciva exterior, perpassa suas possibilidades de apreensão. Possibilidades estas que expandem suas formas de análises, mas, ao mesmo tempo, as limitam, pois incitam distintas possibilidades de compreensão inspirando o exercício da apreciação substancialista e do senso comum, conseqüentemente às suas manifestações ou modalidades, uma vez que “a influência das

noções comuns é tão forte que todas as técnicas de objetivação devem ser utilizadas para realizar efetivamente uma ruptura [...]” (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2004, p. 24).

A apreciação simplificadora do esporte exclui seus processos históricos e sociais de rupturas, portanto, tendendo às suas apreciações como uma prática corporal imutável. Tal análise recusa a idéia subjetiva onde os seres sociais são os realizadores e mantenedores das ações que realizam a movimentação no espaço dos esportes. Neste sentido, com Bourdieu (2005) é possível apreender a importância da superação das análises simplificadoras:

O modo de pensar substancialista, que é o do senso comum – e do racismo – e que leva a tratar as atividades ou preferências próprias a certos indivíduos ou a certos grupos de uma certa sociedade, em um determinado momento, como propriedades substancialistas, inscritas de uma vez por todas em uma espécie de *essência* biológica ou – o que não é melhor – cultural, leva aos mesmos erros de comparação – não mais entre sociedades diferentes, mas entre períodos sucessivos da mesma sociedade (BOURDIEU, 2005, p. 17).

É na compreensão destes limitantes teóricos que a delimitação do campo esportivo foi a condutora do estudo, pois permitiu superá-los abrindo espaço para a crítica das manifestações corporais coreanas de defesa de território e busca de um equilíbrio vital – atribuindo-lhe o nome de artes marciais – e a manifestação corporal Taekwondo, como um esporte de competição, presente no universo das manifestações de ordem econômica, cultural, social e simbólica.

A análise das práticas corporais esportivas como pertencentes a um campo esportivo remete à idéia de um espaço social repleto de seres sociais que, por definição de seus *habitus*, são agenciadores de formas específicas de lucros, concorrentes entre si pelas oportunidades de apropriação de mais capitais, sejam eles econômicos, sociais, culturais ou simbólicos. “A dificuldade que é particular à aplicação deste modo de pensamento às coisas do mundo social provêm da ruptura com a percepção comum do mundo social por este exigida” (BOURDIEU, 2004, p. 65).

A ciência de um campo esportivo, associada à idéia de teias de interdependência, traz a noção de movimento aos campos. Neste sentido têm-se os agenciadores de capitais que, além de encontrarem-se constantemente em conflitos por apropriações, permanecem na dependência das atitudes de outros agentes, pois dada a complexidade da estrutura de seus campos, cada movimento em seu interior acarreta uma consequência, negativa ou positiva, a partir do ponto de vista social em que se encontra determinado agente.

A noção de campo esportivo, inserida na compreensão do Taekwondo como expressão corporal historicamente e socialmente construída, dá margem à idéia de um sub-campo do esporte. Um sub-campo é a extensão de um campo específico, neste caso, de um campo esportivo.

Análises estas que perpassaram as idéias de *habitus*, agentes, capitais, poder e interesses. Todas estas estruturas em constantes inter-relações e interdependências, movidas por agenciadores de capitais.

Tais estruturas foram adquirindo maior importância na medida que os processos de ordens sociais foram adquirindo um caráter cada vez mais complexo. A este caráter complexo atribui-se ao esporte, o campo esportivo que, com uma estrutura simbólica exerce a imposição dos valores burocráticos.

Estas evidências advindas de um processo evolutivo social não planejado irão formar a estrutura na qual o Taekwondo assentou seu arcabouço corporal, cultural, econômico, político e social, na medida que seu desenvolvimento – de uma junção de artes marciais coreanas de características bélicas e religiosas orientais para um esporte rigorosamente moderno, onde sua prática, em termos administrativos, não se diferencia de nenhuma outra modalidade esportiva – evidencia um processo social de longa duração.

A hipótese inicial de que o Taekwondo é uma arte marcial nascida de uma ruptura com os valores religiosos filosóficos não foi corroborada.

Ao Taekwondo é atribuída uma trajetória recente. De acordo com a literatura seu “ano oficial de criação” é 1955. A palavra “oficial” carrega um possível processo de ruptura; uma arte marcial de valores bélicos e religiosos para um esporte de rendimento onde a procura da maximização de resultados torna-se a busca de seus praticantes. Mas, ao realizar-se as análises das entrevistas com os mestres, à luz de uma compreensão referente a um processo civilizador responsável pela inspiração de um sub-campo esportivo, apreende-se que a palavra “oficial” poderia ser retirada dos registros oficiais referentes à sua criação. O Taekwondo foi criado como uma modalidade esportiva. Foi criado para ser esporte.

Processos de rupturas entre valores religiosos filosóficos coreanos ocorreram, mas ao Taekwondo esses valores podem ser caracterizados como continuidades ou prosseguimentos, uma vez que a ruptura dos valores sociais coreanos permeados pelos referenciais religiosos para uma estrutura de pensamento permeada pela competição industrial regradada, burocratizada, institucionalizada não é o resultado de uma ação

estratégica por parte dos agentes desta arte marcial. A ruptura é característica de processos macro sociais.

Seus movimentos, peculiares às antigas artes marciais coreanas e a forma de administração, foram adaptando-se às necessidades de um grupo de agentes específicos no interior destas artes marciais. De acordo com este processo de evolução do Taekwondo é possível destacar três particularidades: Adaptação, agentes específicos e interesses.